

O PERCURSO AUTO-BIOGRÁFICO DE LUÍS BERNARDO HONWANA
em
NÓS MATAMOS O CÃO-TINHOSO

Petar D. Petrov
Aradora - Portugal

Os contos do livro intitulado Nós Matamos o Cão-Tinhoso¹ foram escritos pelo jovem escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana na década de 60. Após a publicação da obra, em 1964, segue-se a prisão do autor pela PIDE, coincidindo esta com o agravamento das contradições latentes na sociedade moçambicana colonizada, que, por seu lado, darão origem ao desencadeamento da luta arrada pelo Movimento de Libertação Nacional FRELIMO, luta que levaria à Independência e à proclamação da República Popular de Moçambique em 1975.

L.B. Honwana ainda jovem viveu intensa e profundamente todos os problemas subjacentes ao seu meio social violentado, principalmente nas zonas semi-rurais. De salientar que a capacidade de observação de Honwana deve-se, em grande medida, ao facto de ter nascido em família de africanos bilingues. Em resultado, o autor dos contos sentiu as duas realidades sociais distintas existentes na época: a realidade socio-cultural africana, da qual procedia e onde foi criado, e o meio de cultura europeia do colonizador, espaços sociais caracterizados por abstrais diferenças a nível económico, cultural e linguístico.

Apesar destas oposições, L.B. Honwana recorre, na sua escrita, à língua do colonizador. Em Nós Matamos o Cão-Tinhoso o escritor mostra um profundo conhecimento da língua portuguesa como escolhido veículo da sua mensagem. Nos contos não vemos qualquer tentativa de criação de um novo universo retalinguístico, mas recorremos a uma linguagem objectiva e simples, que pinta um complexo quadro de realidades hurrãs e denuncia os antagonismos existentes.

Na leitura dos contos do livro, em números de sete, o que chama a atenção, em primeiro lugar, é o estatuto do narrador perante o universo apresentado. Com excepção do conto Dina², nas restantes histórias o narrador surge como protagonista na diegese, observando e descrevendo um mundo no qual ele próprio se move. Estes contos, com narrador presente, funcionam como uma auto-biografia do autor.

O percurso autobiográfico começa a esboçar-se num primeiro bloco de quatro contos, Nós Matamos o Cão-Tinhoso, Inventário de Iróveis e Jacentes, Papa, Co-

bra e Eu, e As Mãos dos Pretos. Nestes, o narrador/personagem apresenta-se-nos numa certa fase da sua juventude, enfrentando diferentes situações de conflito, baseadas, como é de esperar, na segregação racial e no antagonismo entre culturas, resultado da imposição dos valores europeus na África.

Em Nós Matámos o Cão-Tinhoso, o protagonista Ginho, fazendo parte de um grupo de rapazes, incumbido de liquidar o enigmático Cão-Tinhoso, relata os acontecimentos dando-nos a conhecer os conflitos subjacentes a comunidade juvenil. Estes, resultado de tensões antagónicas raciais, são representados pelos elementos das diferentes camadas sociais: a branca, a negra e a mestiça. Para situar a comunidade negra na hierarquia da sociedade em questão, o narrador recorre ao simbolismo quanto à condição do Cão-Tinhoso, uma condição de impotência, humilhação e perseguição, facto que se revela explicitamente no olhar do animal condenado, antes da sua morte:

"Eu também tinha pena de ver o Cão-Tinhoso a morrer, (...) Eu sabia que ele já sabia de muitas coisas para só querer o que qualquer cão podia ter. O Cão-Tinhoso (...) sempre quando olhava, estava a pedir qualquer coisa, que eu não entendia mas que não devia ser só para lhe tratarer das feridas."
(pp.36/37)

Nesta observação Ginho demonstra uma profunda compreensão da realidade social, fazendo uma explícita denúncia, objectivo que segue ao longo das restantes narrativas da obra.

No outro relato em Inventário dos Iróveis e Jacentes, o narrador, de modo documental e objectivo, relewa-nos a condição económico-social da sua família. Recorrendo à técnica narrativa do showing, Honwana limita-se em fazer um levantamento de objectos, que conotar a vida difícil dos africanos que lutam a fim de obter um lugar na hierarquia pré-estabelecida pelo invasor europeu:

"Além do colchão de surraúra e da cama que o contém, o quarto da Mãe tem 1 berço em que dormer o Joãozinho e a Carlinha, 1 cómoda, 1 guarda-fatos, 2 resinhas de cabeceira (...) e 1 rala de cânfora sobre a qual estão várias talas de viager." (pp.45/46)

A mesma problemática ocupa a atenção do narrador no conto Papa, Cobra e Eu. Mais uma vez estamos perante uma história simples, na qual estão retratados os acontecimentos quotidianos de uma família africana, revelando-se, em particular, as relações mantidas entre os seus membros. Diferentes tensões têm lugar neste espaço familiar, começando pela problemática da língua utilizada (o português, símbolo do assilado e o ronga, símbolo do "atraso") e terminando com a humilhação a qual a família de Ginho tem de se sujeitar, com o surgir em cena do Senhor Castro, símbolo do explorador branco.

No quarto conto de "adolescência", As Mãos dos Pretos, o narrador/personagem, de todo ingênuo e algo irônico, põe a questão da humilhação do negro, baseada na cor da pele. Aí, a impotência perante os argumentos inabaláveis dos brancos sobre a segregação, culrina, de forma dramática, nas lágrimas da mãe de Ginho.

Nos quatro contos referidos, o adolescente Ginho nos introduz no todo de vida da comunidade negra a qual pertence. Na escrita destacar-se dois elementos sobre os quais se firma o poder do incursor estrangeiro: a instância do redo, imposto pela força, e a impotência de reacção por parte do subjugado.

No conto A Velhota, a impotência, resurida na impossibilidade de se insurgir contra a exploração existente, leva Ginho, já adulto, a pôr, pela primeira vez, explicitamente a questão da consciência:

"Cai lentamente, com plena consciência de estar caindo..." (p.71)

A consciência real do seu lugar na sociedade, revela-se tragicamente dolorosa para a personagem Ginho, que manifesta a sua sensibilidade ofendida:

"Eles fizeram-me pequenino e conseguem que eu me sinta pequenino. Sim, é isso. Isso é que é tudo. E porquê? Eles não o dizem de alto. E tudo cai, cai de repente, com barulho aqui dentro, e cai e cai e cai..." (p.77)

Por fim, no conto Nhinquitiro, o narrador participante aborda a problemática da expropriação das melhores terras por parte da administração colonizadora. Vírgula Oito, o serviçal negro que perde a sua racha, pega na arma, reagindo assim, de forma violenta, contra a injustiça e a exploração. A sua atitude, em princípio, está condenada ao fracasso, mas fica a ideia da revolta arrada como meio de pôr termo à colonização. No fim do conto, o narrador, testemunha da rebeldia de Vírgula Oito, faz uma auto-crítica ao seu comodismo de negro assimilado. Esta é acompanhada por uma esperança de que a condição do africano haverá de mudar num dia futuro:

"Caramba, como é que é possível haver tipos como eu? Enquanto eu tratava rolas e jogava ao sete-e-reio acontecer uma data de coisas e eu não me impressionava! Nada, ficava na ressa, fazia que não era comigo... Poça, aquilo tinha que mudar!..." (p.124)

Atendendo à apresentação cronológica dos contos na primeira pessoa em Nós Matamos o Cão-Tinioso, observamos uma mudança nítida, em função do tempo, no comportamento da personagem Ginho (Honwana/narrador), da seguinte forma:

Primeiro delinea-se a fase de adolescência, durante a qual Ginho assume atitudes de perplexidade perante o mundo. Neste âmbito a personagem limita-se a mostrar situações e conflitos, deixando ao critério do leitor certos juízos de valor. A seguir aos quatro contos que veicular estes aspectos (Nós Matamos o Cão-Tinioso,

Inventário de Iróveis e Jacentes, Papa, Cobra, e Eu, e As Mãos dos Pretos), o comportamento do protagonista, marcado por um certo medo e impotência, evolui para um estado de consciencialização e participação aberta em conflitos com o dominador (A Velhota). Por fim, no conto Nhinguinho, anuncia-se uma esperança num dia futuro, numa nova sociedade moçambicana, livre de injustiça e exploração.

NOTAS

1. HONWANA, Luís Bernardo, Nós Matámos o Cão-Tinhoso, Ed. Académica, Lourenço Marques, 1975.
2. No conto Dina, Honwana utiliza a técnica de focalização omnisciente, alternada, por vezes, com a focalização interna. Nesta narrativa temos uma explícita denúncia da exploração do trabalhador moçambicano pelo colonizador branco. De salientar que a focalização interna demonstra a simpatia sentida pelo narrador em relação à personagem principal, a Madala, no que diz respeito ao sofrimento e à angústia resultado da humilhação do velho trabalhador.